

# A EFICIÊNCIA DO MÉTODO SOCIOLINGUÍSTICO: UMA NOVA PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO

Onaide Schwartz Mendonça

Faculdade de Ciências e Tecnologia – Departamento de Educação  
UNESP / Presidente Prudente

Para este texto foi produzido um objeto de aprendizagem (OA) que ilustra o conteúdo abordado. O OA está disponível no DVD que acompanha este Caderno.

**Resumo:** Pesquisas recentes têm apontado o fracasso da alfabetização no Brasil e seus métodos vêm sendo questionados. Nesse sentido, este trabalho vem atender à demanda urgente de resultados de pesquisas com propostas práticas que visam contribuir com ideias e soluções capazes de alfabetizar com qualidade crianças da escola pública. Trata-se de proposta fundamentada na sociolinguística e na psicolinguística que organiza o trabalho docente com o objetivo de alfabetizar letrando. Parte da realidade do aluno, desenvolvendo e valorizando a sua oralidade por meio do diálogo, trabalha conteúdos específicos da alfabetização e utiliza atividades adequadas às hipóteses dos níveis descritos na psicogênese da língua escrita. Desenvolve, ainda, a leitura de textos significativos de diferentes gêneros, interpretação e produção textual. Apresenta, ao final, resultados de duas pesquisas realizadas em rede municipal. Uma sem metodologia e outra em que foi implementado o “Método sociolinguístico”.

**Palavras-chave:** Proposta de alfabetização, Método sociolinguístico, Metodologia de ensino, Prática socioconstrutivista.

## INTRODUÇÃO

A Alfabetização vem sendo debatida no Brasil e os seus métodos questionados em razão do fracasso escolar que a cada ano se torna mais evidente. Nesse sentido, o presente trabalho vem atender à demanda urgente de resultados de pesquisas com propostas práticas para contribuir com ideias e soluções capazes de resolver o grave problema que é o fracasso da alfabetização de crianças da escola pública, as quais, ao chegarem ao 5º ano da Educação Básica (ou 4ª série), ainda permanecem analfabetas, como constatam os mais recentes censos escolares (Saresp, IDEB).

Assim, enquanto alfabetizadora durante mais de dez anos, trabalhando com crianças das camadas populares, e depois de dez anos no Ensino Superior, ministrando Conteúdos, Metodologias e Práticas de Alfabetização e Linguística, e ainda orientando Prática de Ensino (estágio) de Alfabetização, foi-nos possível apontar explicações para o atual fracasso da alfabetização e encaminhar algumas sugestões para sua superação.

Nesse contexto, em 2007, como contribuição para a melhoria da alfabetização, publicamos nossas reflexões decorrentes de pesquisa e prática alfabetizadora, no livro: *Alfabetização - Método Sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética* em Paulo Freire, hoje em sua 3ª edição.

A propósito, neste artigo, pretendemos apresentar os resultados de duas experiências voltadas à alfabetização; uma desenvolvida no ano de 2008, com a aplicação do Método Sociolinguístico; outra, em 2006, sem metodologia definida. Discutiremos os seus resultados, comparando os dados obtidos. Acrescentaremos, também, o depoimento de uma colaboradora que participou de uma experiência com metodologia de alfabetização indefinida e, depois, aplicou a alfabetização sociolinguística. Ao final, refletiremos sobre os resultados das duas experiências. Antes, explicitaremos nossa proposta de alfabetização sociolinguística.

É notório que além de problemas estruturais das escolas, como a falta de material, bibliotecas, livros, e os baixos salários dos professores, existem outros determinantes da situação atual de fracasso. Entre eles, destaca-se o fato de que quem dita as regras da alfabetização, elaborando propostas a serem aplicadas em sala de aula, conhece alfabetização apenas na teoria, não tendo, portanto, a prática.

Outro fator é o de que o alfabetizador não vem recebendo uma formação científica que o possibilite atuar criticamente na análise dos materiais que recebe, nem de elaborar estratégias de alfabetização, pois aceita as propostas elaboradas por “alfabetizadores teóricos”, mesmo sabendo que não surtirão bons resultados.

Defendemos que, para propor métodos e estratégias eficientes de alfabetização, é preciso ter conhecimento tanto da teoria como da prática, pois quem conhece apenas uma ou outra, conhecerá apenas 50% sobre o tema e ninguém ensina o que não sabe. Por isso, há necessidade da tomada de medidas urgentes para a adoção de metodologias que, realmente, alfabetizem com competência e não dissimulem a realidade da sala de aula que, hoje, está produzindo futuros analfabetos adultos.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para atender a essa demanda de alfabetização eficaz, o Método Sociolinguístico propõe uma *reinvenção da alfabetização* infantil. Este trabalho entende Método como sistematização, organização do trabalho docente. É “Sócio”, porque desenvolve efetivamente o diálogo no contexto social de sala de aula, e é “Linguístico” por trabalhar o que é específico da língua: a codificação e decodificação de letras, sílabas, palavras, texto, contexto, e desenvolver as habilidades para ler e escrever como: a direção da leitura, o uso dos instrumentos de escrita, organização espacial do texto, suportes de texto etc.

A presente proposta está fundamentada no Método Paulo Freire de alfabetização que, após passar por uma adaptação, foi transformado em Método Sociolinguístico, revelando-se muito produtivo, conforme avaliações recentes.

A alfabetização sociolinguística demonstra que o Método Paulo Freire está fundamentado na sociolinguística com suas técnicas de desenvolvimento da competência fonológica no conhecimento das correspondências grafo-fonêmicas, para o domínio da leitura e da escrita e de seus usos sociais, e para subsidiar a transformação da consciência ingênua do alfabetizando em consciência crítica, sonho do saudoso mestre Paulo Freire.

Assim, com a releitura das ideias de Freire, mostramos a atualidade do seu método que segundo Moacir Gadotti:

*A rigor não se poderia falar em “método” Paulo Freire, pois se trata muito mais de uma teoria do conhecimento e de uma filosofia da educação do que um método de ensino. [...] chame-se a esse método sistema, filosofia ou teoria do conhecimento. (GADOTTI, 1989, p. 32)*

Portanto, sempre que nos referirmos a este “método” será denotando seu sentido amplo de sistema de ensino e aprendizagem.

Para a exposição dos fundamentos sociolinguísticos do Método Paulo Freire, antes das definições dos seus quatro passos a seguir, conceituamos palavra geradora, que é também designação sinônima do Método Paulo Freire, ou seja, Método da palavra geradora, porque é extraída pelo professor (FREIRE, 1980) do universo vocabular dos aprendizes, conforme critérios de produtividade temática, fonêmica (palavra composta, preferencialmente, por mais de três sílabas), e do seu teor de motivação e conscientização. E ainda, mostramos que, através da decomposição das sílabas da palavra geradora e pela sua combinação, são geradas outras palavras significativas.

**1o codificação:** (conceito próprio de Paulo Freire). Representação de um aspecto da realidade expresso pela palavra geradora, por meio da oralidade, desenho, dramatização, mímica, música e de outros códigos que o alfabetizando já domina.

**2o descodificação:** (conceito próprio de Paulo Freire). Releitura da realidade expressa na palavra geradora para superar as formas ingênuas de compreender o mundo, através da discussão crítica e do subsídio do conhecimento universal acumulado (ciência, arte, cultura).

**3o análise e síntese:** Análise e síntese da palavra geradora, objetivando levar o aprendiz à descoberta de que a palavra escrita representa a palavra falada, através da divisão da palavra em sílabas e apresentação de suas famílias silábicas na ficha de descoberta e, a seguir, junção das sílabas para formar novas palavras, levando o alfabetizando a entender o processo de composição e os significados das palavras, por meio da leitura e da escrita.

**4o fixação da leitura e escrita:** Este passo faz a revisão da análise das sílabas da palavra e apresentação de suas famílias silábicas para, através da ficha de descoberta, formar novas palavras com significado e para composição de frases e textos, com leitura e escrita significativas.

Uma vez definidas as técnicas do método, ou seja, os passos do caminho criado por Paulo Freire que levam os aprendizes a se alfabetizarem, passamos a explicitá-los.

A “codificação” e a “descodificação” constituem os dois primeiros passos do Método Paulo Freire de Alfabetização, garantindo que a aquisição da leitura e da escrita seja significativa, no sentido de que partem da discussão da palavra geradora, através do diálogo e dos códigos que o alfabetizando já domina, e constituem-se em fase necessária de exploração das potencialidades mentais do alfabetizando, por intermédio das linguagens que devem preceder a técnica de ler e escrever, e que o instrumentalizam para o desempenho social, tendo acesso ao poder de reivindicação, através das habilidades de discutir, tomar a palavra, expor e superar as formas contemplativas (ingênuas) de compreender o mundo.

Paulo Freire explica:

[O ato de ler] não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 11-12).

Portanto, se o processo de alfabetização, qualquer que seja sua metodologia ou proposta, exclui os passos da “codificação” e da “descodificação”, iniciando-se unicamente pela letra ou pela sílaba ou pela palavra, pela frase ou, ainda, mesmo pelo texto, tornar-se-á mecânico, porque tal método ou didática excluem a reflexão sobre a sociedade e o momento histórico em que estão inseridos.

O primeiro passo para a alfabetização é a leitura do mundo ao redor do aprendiz, através da “codificação” da palavra geradora. Por sua vez, os temas que possibilitaram na pesquisa da fala da comunidade a emergência das palavras geradoras, ligadas à realidade do alfabetizando, são codificados a partir do desenho, representando aqueles aspectos da realidade, por meio da linguagem oral, gestos, códigos estes que os aprendizes já dominam.

O tema é discutido, refletindo a realidade local, o cotidiano, o mundo ao redor, pela representação oral, pictórica, gestual ou musical, produzindo-se textos significativos, como opiniões, relatos, inspiração artística. Para orientar a discussão, o professor pode elaborar um roteiro.

A “codificação” é o momento privilegiado em que é dado ao aprendiz o direito à vez e à voz. Além das atividades já citadas, o diálogo entre professor/aluno é imprescindível, pois, através dele, o professor descobre a visão de mundo dos educandos para, no segundo passo, intervir, trazendo conhecimentos científicos que promovam a transformação daquela visão de mundo. A partir do momento em que o aluno tem a oportunidade de falar, e é ouvido pelo professor, sua postura se transforma em sala de aula e o respeito mútuo surge como elemento fundamental na construção da aprendizagem e da disciplina.

A “descodificação”, 2º Passo, poderá ser introduzida por um texto, que pode ser científico, ou a letra de uma música, de uma poesia, um artigo de revista ou jornal, um rótulo de embalagem ou outro suporte de texto que trate do tema gerador em estudo, através do qual será feita a

releitura de mundo. Nessa releitura, o professor irá orientar a discussão com questionamentos que induzam os alunos à reflexão sobre o tema em debate.

Ao contrário da “codificação”, em que o professor questiona apenas para descobrir o que os alunos sabem/pensam sobre o tema, na “descodificação” o docente questionará para fazer com que reflitam sobre ele e assim cresçam criticamente. Respeitando o horizonte, a ludicidade peculiar à faixa etária, pode-se perfeitamente desenvolver palavras geradoras que agucem o olhar crítico do aluno no tocante a diferentes aspectos da realidade, por exemplo, a necessidade e medidas para alimentação correta, preservação da natureza, higiene pessoal, brincadeiras de risco, escola, respeito e cuidados com animais etc.

Assim, Paulo Freire só faz a análise e a síntese das sílabas da palavra geradora, depois de retirá-la do contexto onde é produzida, com seu significado em uso real da linguagem. Freire jamais reduziu este passo de seu método, estritamente linguístico, à repetição em coro de famílias silábicas, como ainda ocorre em algumas escolas, em razão de professores acreditarem que, mediante tal prática, a criança irá decorar as sílabas e com isso “aprender a ler”. Freire não tinha tal concepção; para ele, era pela análise e síntese que o aprendiz tomaria consciência da existência da sílaba, estabeleceria a correspondência entre fala e escrita e, ao invés de memorizar, compreenderia o sistema de escrita alfabético, além de ter a oportunidade de compor novas palavras por meio da ficha de descoberta (composta pela família silábica desenvolvida de cada sílaba de uma palavra geradora).

Desse modo, como Freire, não recomendamos a leitura em coro de famílias silábicas, geralmente dispostas na sequência tradicional (a,e,i,o,u), pois os alunos decoram a ordem das sílabas sem discriminar a correspondência grafemas/fonemas. Entretanto, a prática tem demonstrado que, se for alternada essa sequência, a memorização mecânica será evitada, e o aluno passará a compreender que faz-se necessário decifrar sinais gráficos para ler, relacionando-os com seu valor sonoro. Assim, a apresentação das famílias silábicas é procedimento esclarecedor, tanto para a separação de sílabas e composição de novas palavras, como na delimitação e decifração das sílabas mais complexas. (Ver Ficha de descoberta no Esquema da palavra geradora).

Além dos aspectos linguísticos do Método Paulo Freire, a Psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986), oferece subsídios psicolinguísticos que foram adequados e associados ao Método Paulo Freire transformando-o em Método Sociolinguístico.

Estudos sobre a aquisição da língua escrita, que investigaram como o aprendiz se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, mostram que a construção desses atos segue um percurso semelhante ao realizado pela humanidade até chegar ao sistema alfabético. Este processo de reinvenção da escrita mostra que o aluno tentará responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo de construção desta representação. Para tanto, o alfabetizando irá percorrer um caminho que passará pelos níveis pré-silábico, silábico e alfabético.

Tais conceitos possibilitaram a associação de atividades didáticas dos níveis de escrita, de Ferreiro, com os passos do Método Paulo Freire, e mostram que é possível compatibilizar a teoria construtivista com método, como afirma Magda Soares:

Existe também a falsa inferência de que, se for adotada uma teoria construtivista, não se pode ter método, como se os dois fossem incompatíveis. Ora, absurdo é não ter método na educação. Educação é, por definição, um processo dirigido a objetivos. Só vamos educar os outros se quisermos que eles fiquem diferentes, pois educar é um processo de transformação das pessoas (SOARES, 2003, p. 17).

A seguir, apresentamos o esquema do Método Sociolinguístico, em que aos passos do Método Paulo Freire são acrescentadas as aplicações das atividades didáticas dos níveis pré-silábico, silábico e alfabético de Emília Ferreiro:

Passos (1º, 2º, 3º, 4º) do Método Paulo Freire associados a atividades didáticas dos níveis pré-silábico(I), silábico(II) e alfabético(III) decorrentes da Psicogênese da Língua Escrita

## PALAVRA GERADORA (P.G.) ESCOLA

1º) CODIFICAÇÃO da palavra geradora: “Leitura do mundo” – representação da realidade expressa pelo desenho da palavra geradora, através da oralidade, gestos, música e de outros códigos que o alfabetizando já domina.

2º) DESCODIFICAÇÃO da P.G.: Releitura da realidade expressa, ou seja, dos temas gerados pela palavra geradora, através da discussão crítica, inclusive com subsídios de textos escritos sobre o conhecimento universal acumulado (ciência, arte e cultura).

*I - Atividades didáticas do nível pré-silábico:* Apresentação de diferentes gêneros textuais em variados suportes. Ex: Letra de música, poesia, rótulos, panfletos, documentos, página de livro, revista e jornal para estudo de palavras inteiras e de suas letras iniciais, mediais e finais; dominós associando letras a imagens; localização da palavra geradora escrita no texto gerador. Ex: ESCOLA

3º) ANÁLISE E SÍNTESE DA P.G.: Apresentação das famílias silábicas da P.G. na ficha de descoberta de novas palavras (quadro a seguir):

ANÁLISE:  
ES-CO-LA

A ficha de descoberta com as famílias silábicas da PG deve ser apresentada fora da ordem tradicional das cartilhas (a, e, i, o, u), a fim de que os alunos não decorem essa sequência:

AS – IS – OS – US - ES  
CA – QUI – CO – CU – QUE  
LA – LI – LO – LU - LE  
A - I - O - U - E

SÍNTESE das sílabas a partir da ficha de descoberta para a composição de novas palavras (os alunos juntam as sílabas e compõem as palavras na lousa, realizam a sua leitura e as copiam no caderno):

COLA	CALO	COCA	LEQUE	QUIOSQUE
CUECA	LUA	ELE	ELA	AQUI
AQUILO	ESQUILO	CAQUI	COCO	ISCA
COLOQUE	QUILO	ALI	QUICO	ESCALA

*II - Atividades didáticas do nível silábico:* Exercícios que explorem sílabas iniciais, mediais e finais na composição de palavras; uso de dominós silábicos para formar palavras.

#### 4º) FIXAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

*III - Atividades didáticas do nível alfabético:* Leitura e escrita das palavras compostas na síntese das sílabas; ditado de palavras e frases; caça-palavras; palavras cruzadas; transposição oral e escrita do dialeto do aluno para o dialeto padrão; leitura e interpretação de textos de qualidade; produção de frases e textos com significado.

Cagliari enfatiza que:

*A alfabetização gira em torno de três aspectos importantes da linguagem: a fala, a escrita e a leitura. Analisando estes três aspectos, tem-se uma compreensão melhor de como são as cartilhas ou qualquer outro método de alfabetização (CAGLIARI, 1999, p. 82).*

Nesse sentido, por ter fundamentação científica, nossa proposta é diferente de tudo o que foi feito no país até o momento. Desenvolve a *fala* nos dois primeiros passos (Codificação e Decodificação), pois as crianças têm plena liberdade para exercitar sua oralidade de forma crítica.

Nas atividades de nível pré-silábico, e em todo o terceiro passo (Análise e síntese), trabalha-se com profundidade, conhecimentos específicos da alfabetização como: o que são letras, quais são as letras do alfabeto, como combinar letras para compor sílabas, como unir sílabas para formar novas palavras, exercitando tanto a *leitura* como a *escrita*.

Ainda, no segundo e no quarto passos, são introduzidos textos reais, de gêneros que se diversificam dentro de cada unidade, o que possibilita o desenvolvimento do letramento. Na quarta etapa, propõem-se atividades de nível alfabético, de produção e interpretação de textos, evidenciando a função social da *leitura* e da *escrita*, pois todo o processo é desenvolvido a partir de textos reais, contextualizados.

## RESULTADOS

Enfim, apresentamos os resultados da aplicação do Método Sociolinguístico em 2008, comparando-os com reflexões consolidadas a partir de proposta anterior, desenvolvida sem metodologia definida em 2006.

Desde o ano 2000, orientando e corrigindo relatórios de estágio de graduandos em Pedagogia, estudamos as concepções e conhecimentos demonstrados por alfabetizadores, bem como suas metodologias e estratégias de ensino. Até 2005, a prática utilizada por cerca de 80% dos observados era a do “método das cartilhas” (CAGLIARI, 1999), porém, a partir de 2006, houve uma mudança na metodologia docente, pois o método, ou qualquer forma de sistematização do ensino, desapareceu das salas de alfabetização. Os alfabetizadores começaram a trabalhar de forma descontextualizada, sem gradação de dificuldades, nem sequência de conteúdos, desenvolvendo atividades sem relação alguma entre objetivos, conteúdos e avaliação.

Observamos, ainda, através da aplicação de atividades diagnósticas dos níveis de escrita apresentados na Psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986), que o nível de aprendizagem dos alunos diminuiu com relação aos anos anteriores, ou seja, se mesmo usando uma metodologia precária, com atividades que não favoreciam a aprendizagem cerca de 50% dos alunos concluíam o 2º ano (ou 1ª série) lendo e escrevendo, a partir de 2006, 70% dos alunos passaram a ser promovidos para o ano seguinte no nível pré-silábico, o mais rudimentar de conhecimento da escrita.

Desse modo, os dados da pesquisa de 2006 foram obtidos através da análise de relatórios de estágios de 70 alunos do 4º ano, do curso de Pedagogia da FCT/UNESP. Para a elaboração dos relatórios, foram realizados estágio de observação, coleta de atividades impressas, usadas diariamente em sala de aula, e aplicação e coleta de, no mínimo, três amostras de escrita dos alunos. Uma, no início do estágio (março); outra, em junho; e a última, em outubro/novembro. O material utilizado para coletar as amostras de escrita foi semelhante nas três coletas e era composto de uma folha de sulfite na qual eram impressas 12 imagens de objetos para que os alunos escrevessem seus nomes abaixo. Esta forma de coleta foi utilizada a fim de que ficasse claro o que era para ser escrito pela criança, evitando equívocos na interpretação dos dados. Ao final, o graduando descrevia a metodologia do professor observado à luz das teorias estudadas nas aulas de metodologia.

Essas análises de dados da realidade de sala de aula possibilitaram o levantamento de hipóteses para a comparação das duas experiências de alfabetização, a de 2006 com a de 2008. Esta última foi realizada por dois grupos de professores voluntários, um de rede municipal e o outro da rede estadual de ensino, e consistiu na elaboração e aplicação de estratégias em conformidade com o Método Sociolinguístico de alfabetização.

A primeira proposta de alfabetização desenvolvida em 2006 por professores de rede municipal não contava com metodologia definida, pois era composta da leitura diária de textos infantis aos alunos, seguida da aplicação de atividades dos níveis pré-silábico e alfabético descritos na Psicogênese da língua escrita por Ferreiro e Teberosky. A base para esta prática era a de uma proposta da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo em que não havia sistematização, nem sequência de conteúdos a serem desenvolvidos. Também não existia gradação de dificul-



dades e nem eram realizadas estratégias de nível silábico, ou seja, desenvolvidas atividades que explorassem a composição silábica.

A segunda proposta foi aplicada em 2008 por professores de rede municipal e estadual a partir do Método Sociolinguístico (MENDONÇA; MENDONÇA, 2007). Como já explicitado, este “método” propõe uma sistematização do trabalho docente, parte da realidade do aluno através de uma palavra ou tema gerador, traz a leitura de diferentes suportes de textos para a sala de aula, desenvolve o diálogo e atividades linguísticas de análise e síntese, seguidas de atividades dos níveis pré-silábico, silábico e alfabético.

A fim de comparar os resultados da alfabetização desenvolvida nos anos de 2006 (sem metodologia) e 2008 (método sociolinguístico), utilizamos os níveis da Psicogênese da língua escrita para analisar as amostras de escrita e avaliar qual trabalho teria obtido melhores resultados.

Constatamos, em 2006, que houve pouca evolução, pois dos 97% alunos que iniciaram a 1ª série (hoje 2º ano) no nível pré-silábico, 68% permaneceram neste nível ao final do ano letivo.

Entretanto, analisando os dados das salas que aplicaram o Método Sociolinguístico, em 2008, percebemos outros resultados. No mês de março, quando os professores iniciaram a aplicação, 95% dos alunos estavam no nível pré-silábico; três meses depois, 70% deles já estavam lendo; no mês de julho, 70% já estavam lendo e escrevendo; e no mês de agosto, todos (100%) estavam alfabetizados.

Para ilustrar, relatamos dados da aplicação realizada por professora de rede municipal que participou das duas propostas. A primeira sem metodologia e a segunda com o Método Sociolinguístico.

No início de fevereiro de 2006, havia na sala de aula quatro crianças com escrita pré-silábica, 14 com escrita silábica, duas com escrita silábica-alfabética e quatro com escrita alfabética, totalizando 24 alunos. Em julho do mesmo ano, ainda havia na sala, cinco alunos com escrita silábica, cinco com escrita silábica-alfabética e 14 na fase alfabética.

Em fevereiro de 2008, havia quatro alunos com escrita pré-silábica, 17 com escrita silábica, cinco com escrita silábica-alfabética e dois com escrita alfabética, totalizando 28 alunos. Entretanto, em julho de 2008, após quatro meses de aplicação do Método Sociolinguístico, o resultado era muito diferente, pois havia apenas dois alunos com hipótese de escrita silábica-alfabética e 26 alunos já alfabetizados.

Assim, os resultados comprovaram que a alfabetização sociolinguística, ao propor um trabalho sistematizado de ensino, facilitou a organização do pensamento dos alunos na elaboração e fixação das hipóteses de escrita pelas quais passam até chegar à base alfabética. E ainda, que foi possível refletir com as crianças sobre o contexto social da escola, de tal forma que se conscientizavam dos múltiplos problemas de seu cotidiano, e como a maioria já tinha sido

alfabetizada em seis meses, o trabalho com produção textual, interpretação e leitura tornou-se mais acessível e produtivo.

A análise das estratégias utilizadas pelos alfabetizadores, em 2006, evidenciou diversos equívocos, já descritos no livro de Mendonça e Mendonça (2007), provindos de uma possível interpretação equivocada da Psicogênese da Língua escrita, de Ferreiro e Teberosky, pois demonstrou que os professores acreditavam que não havia necessidade de se ensinar sistematicamente e nem de corrigir o aluno, deviam apenas apresentar textos e limitar-se a ler para ele, pedir que recontasse as histórias, apontasse palavras e respondesse à questão “o que acha” que está escrito. Desse modo, eles ignoravam a necessidade de sistematização do ensino, pensavam que não era preciso trabalhar a codificação e a decodificação através da análise e síntese. Acreditavam que, para contextualizar, basta ler uma história e conversar sobre ela, mas a discussão em nível de decodificação, como ensina Paulo Freire, não era feita e com isso, a análise crítica da realidade social, na qual o aluno está inserido, não acontecia.

A discussão dos resultados dessa experiência indica aos responsáveis pela elaboração de propostas de alfabetização que, para produzir materiais eficientes, não basta que sejam produzidos com base em teorias, mas que há a necessidade da validação dessas teorias na prática efetiva de sala de aula. É preciso saber transpor da teoria para a prática.

Nesse sentido, publicamos em 2010 o livro *Alfabetização linguística e letramento: Práticas socioconstrutivistas que contém metodologia e práticas de alfabetização*, inspiradas em Paulo Freire e Emília Ferreiro, comprovadamente eficazes para ensinar a ler e escrever todas as crianças de classe comum no período de um ano letivo. Contém, ainda, atividades para desenvolver a oralidade (fala) e os diferentes níveis de escrita, bem como textos de Cecília Meireles, José Paulo Paes, Monteiro Lobato, Vinicius de Moraes, Chico Buarque, Milton Nascimento e letras de música dos CDs Sítio do Picapau Amarelo, A Arca de Noé, Os Saltimbancos, Casa de Brinquedos, Castelo Rá-Tim-Bum, Titãs, Ivan Lins, e outros, para desenvolver a competência de leitura do aluno e subsidiar a transformação da consciência ingênua em consciência crítica.

Ao final, a comparação dos resultados da aplicação das duas propostas mostrou que o desenvolvimento de uma alfabetização organizada e sistemática, com objetivos definidos e metodologia adequada, que concilie teoria e prática, é determinante para a qualidade da aprendizagem.

Esta experiência revelou que é possível não só alfabetizar os alunos em menos de um ano, mas ainda levá-los, através do diálogo, a avançar no domínio dos usos sociais da leitura e da escrita, e no desenvolvimento de sua consciência crítica e social.

Concluindo, podemos afirmar que o Método Sociolinguístico, bem como sua prática socioconstrutivista, oferece alternativa eficiente aos educadores alfabetizadores comprometidos com a formação de cidadãos críticos e competentes para construção de uma sociedade mais justa.

Reiteramos aqui que políticas públicas com metodologia de alfabetização eficiente precisam ser discutidas, pois enquanto a escola não resolver o problema da alfabetização infantil estará

longe de acabar com a vergonha que é o analfabetismo adulto. A escola precisa parar de produzir analfabetos.

## REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Scipione, 1999.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, P. **Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 15. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. **Alfabetização - método sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença pedagógica**. Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul./ago, p. 15-21, 2003.

## BIBLIOGRAFIA

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. **Alfabetização linguística e letramento: práticas socioconstrutivistas**. São Paulo: Impress Editora, 2010.